



ENANCIB 2022

PORTO ALEGRE | UFRGS | PPGCIN

XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação • ENANCIB
Porto Alegre • 07 a 11 de novembro de 2022

XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXII ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT-12 – Informação, Estudos Étnicos - Raciais, Gênero e Diversidades

MEMÓRIA E DECOLONIALIDADE: A POÉTICA DE TATIANA NASCIMENTO NAS MÍDIAS SOCIAIS

MEMORY AND DECOLONIALITY: THE POETICS OF TATIANA NASCIMENTO IN SOCIAL MEDIA

Dávila Maria Feitosa da Silva. UFPB.

Anna Raquel de Lemos Viana. UFPE.

Geisa Fabiane Ferreira Cavalcante. UFPE.

Izabel França de Lima. UFPB.

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: A literatura, como uma expressão que pode enunciar enfrentamento de ideias, é uma ferramenta de transformação social. Nesse sentido, as poesias de Tatiana Nascimento têm a possibilidade de se conectar com milhares de mulheres negras, sobretudo quando essa produção está disponível na internet. Nesse sentido, questiona-se: como a poética de Tatiana Nascimento difundida nas mídias sociais atua como instrumento de memória de mulheres negras e prática de resistência? Assim, objetiva-se discutir a poética de Tatiana Nascimento difundida nas mídias sociais, especificamente em *blog, Youtube e Instagram*, tratando da importância da memória de mulheres negras presentes na internet. Os resultados demonstram que os escritos trazem temas e aspectos caros que perpassam a subjetividade que compreende dores, silenciamentos e traumas. São elementos simbólicos marcados de violências e aniquilamento de memórias afetivas, culturais e religiosas que iniciaram ainda na diáspora africana. Contudo, também são fios importantes na construção de uma nova costura, composta por retalhos de lembranças. Conclui-se que as produções contemporâneas apresentadas neste trabalho constituem um campo plural que emergiu de vozes subalternizadas historicamente pelo poder colonial e são fatos que fazem parte da construção social, cultural, econômica, política, identitária e afetiva da sociedade, notadamente da comunidade negra.

Palavras-Chave: Memória. Mulheres pretas. Decolonialidade. Tatiana Nascimento. Mídias Sociais.

Abstract: Literature as an expression that can express confrontation of ideas, is a tool of social transformation. In this sense, Tatiana Nascimento's poetry has the possibility of connecting with thousands of black women, especially when this production is available on the internet. In this sense, the question is: how does the poetics of Tatiana Nascimento, disseminated in social media, act as an instrument of memory for black women and the practice of resistance? Therefore, the objective is to discuss the poetics of Tatiana Nascimento disseminated in social media, specifically: *blog, Youtube and instagram*, dealing with the importance of the memory of



black women present on the internet. The results show that the writings bring themes and expensive aspects that permeate the subjectivity that comprises pain, silence and trauma. They are symbolic elements marked by violence and annihilation of affective, cultural and religious memories that began in the African diaspora. However, they are also important threads in the construction of a new seam, composed of scraps of memories. It is concluded that the contemporary productions presented in this work, constitute a plural field in which voices historically subordinated by the colonial power emerged, are facts that are part of the social, cultural, economic, political, identity and affective construction of society, and notably of the black community.

Keywords: Memory. Black women. Decoloniality. Tatiana Nascimento. Social Media.

1 INTRODUÇÃO

A literatura, como uma expressão que pode enunciar enfrentamento de ideias, é uma ferramenta de transformação social. Candido (2006, p. 49) destaca que a literatura age sobre a sociedade “delimitando setores de gosto e correntes de opinião, formando grupos, veiculando padrões estéticos e morais”.

Compreendendo essa arte como uma intervenção importante e entendendo sua complexidade quando trata sobre aspectos dos sujeitos negros, e ainda mais para mulheres negras, como defendido por Lorde (2019, p. 47), “para as mulheres negras, então, a poesia não é um luxo. É uma necessidade vital da nossa existência. Ela cria o tipo de luz sob a qual baseamos nossas esperanças e nossos sonhos de sobrevivência e mudança”.

Nesse sentido, questiona-se: como a poética de Tatiana Nascimento difundida nas mídias sociais atua como instrumento de memória de mulheres negras e prática de resistência? Tatiana Nascimento é autora e poeta contemporânea, *slammer*, cantora e compositora, doutora em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina e licenciada em Letras pela Universidade de Brasília. Ela iniciou sua carreira literária com a publicação de “lundu”, em 2016 (LITERAFRO, 2019).

Com base na perspectiva do silenciamento histórico a que negras e negros foram submetidos e do sofrimento causado pelas consequências da colonização, do racismo e, no caso das mulheres negras, da prática conjunta de racismo e sexismo; considerando, também, a importância de verificar como a posição social da autora atribui um papel específico à criadora de arte, conforme Candido (2006), objetiva-se discutir a poética de Tatiana Nascimento difundida nas mídias sociais, especificamente em *blog*, *Youtube* e



Instagram, tratando da importância da memória de mulheres negras presentes na internet.

Este trabalho compreende a escrita de Tatiana Nascimento como uma prática de resistência, baseando-se na seguinte perspectiva: “não há regras ou dados pré-definidos necessários a analisar a resistência ao racismo” (SANTANA, 2020, p. 22). Ele se alinha ao pensamento de Pollak (1989) sobre o que ele denomina por memórias subterrâneas, que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, opõem-se à memória oficial, no caso da memória nacional.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para o alcance do objetivo, a netnografia foi a ferramenta metodológica utilizada, pois “permite o estudo de objetos, fenômenos e culturas que emergem constantemente no ciberespaço a partir do desenvolvimento e da apropriação social das tecnologias da informação e da comunicação (TIC)” (CORRÊA; ROZADOS, 2017). A netnografia não tem como interesse modificar a zona observada. A/O pesquisadora/or verifica (coleta os dados) para descrever e interpretar. Isso porque sua origem está na etnografia; o que a diferencia é que a etnografia se dispõe a investigar as culturas em seus locais, na ambiência de uma população ou grupo social: “a netnografia busca estudar essas comunidades culturais sem uma localização física fixa, por estarem alocadas no ciberespaço” (FERRO, 2015, p. 3).

Dessa forma, discutimos a poética de Tatiana Nascimento difundida nas mídias sociais, especificamente em *blog*, *Youtube* e *instagram*, nos anos 2013, 2014, 2017, 2020 e 2022. Os escritos aqui analisados foram retirados do seu *blog* “Palavra, Preta! Poesia di dendê”, que funciona desde junho de 2013, do *YouTube* e do perfil da autora no *Instagram* @tatiananascimento. Com a intenção de fortalecer o entendimento das produções poéticas como parte de experiências e vivências carregadas de subjetividades, trataremos aqui por “escrevivências”, termo cunhado pela intelectual negra Conceição Evaristo.

A extração das informações sobre as postagens foi feita de maneira manual. Para responder aos objetivos desta pesquisa, foram elencados os seguintes critérios de



análise: 1) aspectos da lesbiandade e identidade racial; 2) ancestralidade; 3) elementos sociais, políticos e culturais.

A seguir, apresenta-se uma breve explanação sobre o termo *escrevivência*.

2.1 *Escrevivência*

O termo *escrevivência* é colocado pela escritora, professora e doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense: Maria da Conceição Evaristo de Brito – Conceição Evaristo. Em sua obra “*Becos da Memória*”, que, até o presente momento, encontra-se em sua terceira edição, por meio de sua escrita, Conceição afirma o teor ficcional “con(fundindo) escrita e vida, ou melhor dizendo, escrita e vivência” (EVARISTO, p. 12, 2017).

Dessa forma, a autora e a personagem cumprem um papel importante de trazer à tona histórias passadas que podem ser consideradas nossas que foram perdidas no trajeto de sequestro escravocrata de vidas e memórias. “*Becos da Memória*” é uma das importantes obras de Conceição e ela atribui a Maria-Nova a parceria de comungar várias vozes femininas e negras para a construção da *escrevivência* de *Becos da Memória*.

Também já afirmei que invento sim e sem o menor pudor. As histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas. Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção. Nesse sentido, venho afirmando: nada que está narrado em *Becos da memória* é verdade, nada que está narrado em *Becos da memória* é mentira. Ali busquei escrever a ficção como se estivesse escrevendo a realidade vivida, a verdade. Na base, no fundamento da narrativa de *Becos* está uma vivência, que foi minha e dos meus. [...] Busco a voz, a fala de quem conta, para se misturar a minha. Assim nasceu a narrativa de *Becos da memória*. Primeiro foi o verbo de minha mãe. Ela D. Joana, me deu o mote: “Vó Rita dormia embolada com ela”. A voz de minha mãe me trazer lembranças de nossa vivência, em uma favela, que já não existia mais no momento em que se dava aquela narração. “Vó Rita dormia com ela, Vó Rita dormia embolada com ela, Vó Rita dormia embolada com ela...” A entonação da voz de mãe me jogou no passado, me colocando face a face com o meu eu-menina. Fui então para o exercício da escrita. E como lidar com uma memória ora viva, ora esfacelada? Surgiu então o invento para cobrir os vazios de lembranças transfiguradas. Invento que atendia ao meu desejo de que as memórias aparecessem e parecessem inteiras. E quem me ajudou nesse engenho? Maria- Nova. (EVARISTO, 2017, p.14).



Compreendendo que a memória é construída coletivamente, valemo-nos da definição de escrevivência para apresentar a escrita-vivência de Tatiana Nascimento, além de corroborar com o pensamento de Audre Lorde (2019), que, para mulheres negras, “a poesia não é um luxo”, como também com Grada Kilomba (2019), em sua obra “Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano”.

Kilomba (2019) aborda o trauma colonial que foi memorizado, no sentido que não foi esquecido. A lembrança traumática, por se tratar de uma recordação de sofrimento, dor e lesões que acompanham o cotidiano de negros e negras. Com isso, quebrar o silenciamento é urgente, silenciamento que foi imposto como um projeto político de eliminação da memória e, conseqüentemente, da identidade das negras e dos negros.

Portanto, entendemos aqui a produção de Tatiana Nascimento como uma escrevivência que está atrelada à sua condição de mulher negra, lésbica, na sociedade brasileira, juntamente com as experiências vistas, vividas, ouvidas e lidas, ou seja, elementos que a individualizam e que a inserem em um coletivo que compartilha de experiências aproximadas.

Na seção seguinte, apresentaremos a Tatiana Nascimento e algumas de suas escrevivências.

3 A AUTORA TATIANA NASCIMENTO

Tatiana Nascimento dos Santos é brasiliense, 39 anos, artista, cantora, compositora, tradutora, zineira, editora, pesquisadora em literaturas da diáspora negra sexual – dissidente. Tatiana é editora-cofundadora da “padê editorial”, coletivo editorial que publica livros artesanais de autoras negras, lésbicas, travestis, pessoas trans, bissexuais – com tiragem pequena. A padê editorial foi fundada em 2016. Ela também é cofundadora e realizadora da Palavra Preta (Mostra Nacional de autoras negras); Idealizadora da **Quanta!** Mostra de Artistas LGBTQs do DF; integrante do Coletivo de Escritores da Literatura LGBTQ do DF; e idealizadora, cofundadora e realizadora do primeiro **Slam das Minas** nacional, de Brasília/DF.

“A menina que sonhou poemas desde a infância” (LITERAFRO, 2019) publicou os títulos: “lundu” (2016), “esboço” (2016), “mil994” (2018), “07 notas sobre o apocalipse,



ou, poemas para o fim do mundo” (2019), “cuírlombismo literário: poesia negra lgbtqi desorbitando o paradigma da dor” (2019), “um sopro de vida no meio da morte” (2019), “leve sua culpa branca pra terapia” (ed. trilingue) (2019), “um sopro de vida no meio da morte” (2019), “Oriki de amor selvagem: todos os poemas de amor preto (ou quase)” (2020), “racismo visual, sadismo racial: quando (?) nossas mortes importam” (2020), além de traduzir os títulos “Entre nós mesmas”, poesia de Audre Lorde (2020), e “Calamidades”, ensaios de Renee Gladman (2021).

Suas obras recebem reconhecimentos e indicações: “lundu” foi selecionado no Projeto Nacional Leia Mulheres na categoria “Melhores Livros de 2016” e foi o “Livro do Mês” em maio de 2018, no projeto “Lendo Mulheres Negras”, em Salvador, e em dezembro de 2017, em Brasília (LITERAFRO, 2019). Por sua vez, “lundu” e “mil994” foram referências no título “*The Art of Brasília: 2000-2019*”, de Sophia Beal.

4 ASPECTOS DA DECOLONIALIDADE E O ENFRENTAMENTO AO EPISTEMICÍDIO

A linguagem também é transporte de violência. Por isso, precisamos criar novos formatos e narrativas. “Essa desobediência poética é descolonizar” (KILOMBA, 2019, não paginado). Kilomba (2013) nos leva a refletir sobre a invisibilidade do conhecimento artístico, seja em performance, imagens, textos falados e escritos. A intelectual ainda acrescenta que escrever é um ato político, pois nessa ação assumimos a posição de sujeito, “autora e autoridade na minha própria história” (KILOMBA, 2019, p. 28).

O giro decolonial, termo escrito pela primeira vez por Nelson Maldonado Torres no ano de 2005, refere-se ao “movimento de resistência teórico e prático, político e epistemológico, à lógica da modernidade/colonialidade” (BALLESTRIN, 2013, p. 105). Objetiva, pois, a decolonialidade do poder (MIGNOLO, 2007), portanto, a libertação da matriz colonial de poder, sendo assim sua consequência (MIGNOLO, 2007)

Mignolo (2007, p. 29) afirma que “não se trata das portas que conduzem a ‘verdade’ (aletheia) mas a outros lugares: aos lugares da memória colonial; aos vestígios da ferida colonial de onde se tece o pensamento decolonial”. O movimento decolonial liberta a produção de conhecimento da episteme eurocêntrica concedendo lugares de fala a culturas e povos anteriormente dominados pelo imperialismo.



Esse movimento também se reflete no feminismo quando Gonzalez (2020) já defendia a criação de um feminismo afro-latino-americano que reconhecesse a exclusão das mulheres negras e indígenas que, apesar de participarem das discussões da discriminação com base na orientação sexual, sofriam outra discriminação tão grave quanto à primeira: a de caráter racial.

Hooks (2021, p. 26) reforça essa posição quando afirma que “ninguém se preocupou em discutir como o sexismo atua tanto independentemente do racismo quanto simultaneamente a ele para nos oprimir”. Hooks (2021, p.27) descreve com maestria a posição de fragilidade das mulheres negras nas lutas sociais, “quando falam de pessoas negras, o foco tende a ser *homens* negros; e quando falam sobre mulheres, o foco tende a ser mulheres *brancas*. Em nenhum espaço isso é mais evidente do que no vasto *corpus* de literatura feminista” (grifos da autora).

As mulheres negras estão, dessa forma, numa situação de dupla vulnerabilidade social, na qual nem são defendidas pelos movimentos negros nem pelo movimento feminista. É nesse contexto que Vergès (2020, p. 31-32) defende que, “quando os direitos das mulheres se resumem à defesa da liberdade [...], temos o direito de perguntar se esses direitos não estariam sendo concedidos pelo fato de outras mulheres não serem livres”.

É em meio a esse cenário que a escrita e arte de Tatiana Nascimento surge como um instrumento de memória das mulheres negras e de resistência decolonial, expresso na subversão nas suas produções acadêmicas e escritos poéticos, o que ela denomina por heterocissexualização.

e a colonização, invés de um rasgo histórico que pára um momento no tempo, foi e é um projeto civilizatório de determinada matriz étnico-racial que exclui civilizações outras, e suas práticas/conhecimentos/modos de vida tradicionais, inclusive e de forma muito fundamental à manutenção de sua supremacia econômica, cultural e política. planificar as práticas, expressões, vivências e experiências sexuais que sejam divergentes ao seu modelo civilizatório ideal, entender um conjunto de povos milenares como um único povo dum único pensamento e duma única prática sexual é, assim, racismo colonial (NASCIMENTO, 2018, não paginado).

O ato de se tornar sujeito corrobora com o pensamento de Nascimento (2018, não paginado), quando ela diz que:



quando comecei a ler lésbicas negras, aprendi que para muitas dessas escritoras (de poesia, prosa e/ou teoria acadêmica) uma urgência era/é criar nossas próprias palavras e/ou retomar palavras ancestrais, y com isso permitir que uma comunidade fundamentada na palavra autodeterminada seja criada: no caso, comunidades negras lésbicas.

Esse posicionamento é reforçado por Ribeiro (2019, p. 33) ao afirmar que “a reflexão fundamental a ser feita é perceber que, quando pessoas negras estão reivindicando o direito a ter voz, elas estão reivindicando o direito à própria vida”. A autora reforça ainda que “mulheres negras vêm historicamente produzindo saberes e insurgências” (RIBEIRO, 2019, p. 68) e que colocá-las numa posição de quem não rompe o silêncio seria prendê-las à lógica do discurso colonial, atribuindo “poder absoluto ao discurso dominante branco e masculino” (RIBEIRO, 2019, p. 68).

Nesse sentido, Ribeiro (2019) defende que o lugar de fala seja ocupado pelos grupos historicamente discriminados. Daí a importância de analisar como a poética de Tatiana Nascimento atua como instrumento de memória de mulheres negras e prática de resistência.

5 INFORMAÇÃO ÉTNICO-RACIAL: ESCRIVÊNCIAS POÉTICAS

Para se chegar à compreensão de informação étnico-racial, é importante destacar o que se entende por informação. Ainda no período anterior à criação da escrita, do registro de informação, as narrativas orais existiam e atendiam às necessidades informacionais dos povos daquele período, que se organizavam pelas narrativas que eram repassadas. “Em outras palavras, a informação sempre foi fundamental para o desenvolvimento da sociedade humana, propiciando o seu crescimento e, conseqüentemente, trazendo progresso para a população” (FREIRE, 2004, p. 17).

O termo informação tem característica polissêmica. Existe uma diversidade de conceitos, utilizados por diversos autores, em variadas áreas do conhecimento, tal como nas ciências naturais, sociais e humanas. Quanto ao campo etimológico da palavra informação, ‘*Informare*’, de origem latina, significa dar forma, colocar em forma, criar, representar, construir ideia ou uma noção. Entendendo a etimologia da palavra, Araújo (2001) associa esse processo da seguinte forma.



[...] através da análise etimológica do termo informação, um ponto se destaca. Temos que, seja como processo de atribuição de sentido, seja como processo de representação para a comunicação, a informação comporta um elemento de sentido, ou seja, o objetivo do ato de informar é o envio e a apreensão de sentido. Podemos considerar que se não ocorre atribuição de sentido (recepção) e processo de representação (geração e transferência) do fenômeno informacional não se desenvolve (ARAÚJO, 2001, sem página).

Intelectuais da área estudam há tempos a sistematização dos conceitos de informação na Ciência da Informação e em outros campos de conhecimento, como citado anteriormente. Pensando a trajetória teórica das múltiplas contribuições sobre o fenômeno da informação, as décadas de 1960 e 1970 se destacam com base nas concepções de Borko, Shera, Belkin, entre outros intelectuais. Buckland (1991), usando como base a diversidade do termo “informação”, elenca três como principais:

- a) **informação como processo:** o autor manifesta na perspectiva de quando um indivíduo é informado de algo, ou seja, “[...] informação é o ato de informar” (BUCKLAND, 1991, p. 2).
- b) **Informação como conhecimento:** empregado para expressar o conhecimento que foi comunicado, aquele que foi captado na informação como processo.
- c) **informação como coisa:** entende-se que aqui a informação é remetida para objetos, como documentos que carregam dados que podem ser comunicados. “Qualquer expressão, descrição ou representação seria informação como coisa” (BUCKLAND, 1991, p. 3).

É possível afirmar que os conceitos apresentados demonstram os aspectos material e cognitivo da informação, tangível e não tangível. Dessa forma, é importante também trazer o aspecto social. Analisando a condição da informação para além da perspectiva física, considerando os aspectos históricos construídos, “pode-se concluir que os sujeitos criam mecanismos informacionais (percepção, memória, imagem, etc.) para reconhecer, interpretar e transmitir significados” (NASCIMENTO; MARTELETO, p. 2004). Ou seja, a informação é vista como problema da sociedade, compreendida como fenômeno inerente à cultura da humanidade.

Marcada pela polissemia que caracteriza o termo informação, e entendendo essa multiplicidade de conceitos que a constituem, Oliveira (2010) desenvolve um conceito



de informação étnico-racial, por compreender a necessidade específica para as produções informacionais com o recorte étnico-racial. Destarte, o autor a conceitua da seguinte forma:

[...] todo elemento inscrito num suporte físico, (tradicional ou digital), passivas de significação linguística por parte dos sujeitos que a usam, e tem o potencial de produzir conhecimento sobre os elementos históricos e culturais de um grupo étnico na perspectiva da afirmação desse grupo étnico e considerando a diversidade humana (OLIVEIRA, 2010, p 56).

Como pode ser notado, o conceito acima abrange os diversos suportes informacionais, sejam físicos ou virtuais, como também atende aos variados grupos étnicos. Nesta pesquisa, aplica-se à negritude. É relevante reforçar qual o tipo de informação étnico-racial estudada aqui: a escriturabilidade da Tatiana Nascimento.

6 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Aqui serão apresentadas algumas das escriturabilidades da Tatiana Nascimento, seguida de suas análises, tendo em vista que tais escritos trazem temas e aspectos caros que perpassam a subjetividade que compreende dores, silenciamentos e traumas.

Assim, a literatura afrofeminina pode ser configurada e entendida como uma arma contra o registro oficial, um elo entre passado e presente, privado e coletivo, pois é no registro de lembranças individuais que ela nos fornece o conhecimento da memória social, histórica e cultural de um povo que tem que se reorganizar em terras estrangeiras (FERREIRA, 2013, p.72).

6.1 MEMÓRIA E VOZES MULHERES NA PALAVRA, PRETA!

São elementos simbólicos marcados de violências e aniquilamento de memórias afetivas, culturais e religiosas que iniciaram ainda na diáspora africana. Contudo, também são fios importantes na construção de uma nova costura, composta por retalhos de lembranças.

**ENANCIB 2022**

PORTO ALEGRE | UFRGS | PPGCIN

XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação • ENANCIB
Porto Alegre • 07 a 11 de novembro de 2022

Figura 1 – Post do Instagram (criar sem amor é colonizar), publicado em 16 de janeiro de 2022.¹



Fonte: NASCIMENTO (2022). @tatiananascimento

criar sem cuidar
é colonizar
y colonizar é
'tomar de conta'
mas sem cuidado
nenhum
tb chamam ciúme
de cuidado
mas é
só
controle
dizem que ameaça
é por cuidado

mas é só
coação
ciúme não é amor
coação não é amor
controle não é amor
colonização não é amor
(y as crianças não existem pra atender
nossas expectativas, desejos, demandas,
projetos, planos, sonhos, códigos de
conduta.

elas também são pessoas.)

A autora é mãe de uma criança negra chamada Irê. O texto da Figura 1 toca num aspecto historicamente complexo, pois abarca aspectos de poder, comando e controle sobre o outro, ensinando que essas ações são de cuidado, zelo e amor. No entanto, quando há uma dominação que estabelece uma relação, seja ela de mãe para filha(o), de casais afetivos, amigas fraternas e demais relações possíveis, isso é comparado ao ato de colonização. A violência infantil é tratada muitas vezes como uma punição pedagógica; pensando nas relações familiares da população negra, que tiveram seus vínculos afetivos rompidos ainda no período escravocrata, há sofrimento com consequências até hoje.

¹ Link de acesso: <https://www.instagram.com/p/CYy2bQlrOir/>



(“I cant breath”)² 29 de maio de 2020³

um suspiro que atravessasse	sonho	aqueço
a pandemia, a distância,	de que olhos	uma vela
o medo, o trauma,	tão pretos vivam	y acendo mais
o pânico ancestral do	em paz caminhem	um pouco o
pretocídio em tor nan do	em paz fumem um	sonho
nossos nomes em	em paz sonhem	de que olhos
bandeiras	em paz comam	tão pretos vivam
hasteadas como Eguns	em paz amem	em paz caminhem
que mais	demais	em paz fumem um
não dançam, nem	y durmam	em paz sonhem
bendizem, só vão	tranquiles...	em paz comam
embora	(nossa paz	em paz amem
emb...	é que eles	demais
ê!	extermina)	y durmam
pretidão	y	tranquiles...
pretidão acesa	só	(nossa paz
predição acesa que eles	dissipem	é que eles
tentam / apagar/am /	quando for na	extermina)
(m)eu peito	sagrada hora do Orun	y
tem uma chama	eles	só
igualmente es	tentam / apagar/am /	dissipem
cura y brilhante que bebe	(m)eu peito	quando for na
ar no que essa noite	tem uma chama	sagrada hora do Orun
ilumina	igualmente es	(que aqui a
de lua rindo	cura y brilhante que bebe	lei de branco,
frouxo eu	ar no que essa noite	profana sempre,
aqueço	ilumina	quer roubar o ar
uma vela		que Oyá nos
y acendo mais	de lua rindo	concedeu
um pouco o	frouxo eu	divina).

“Eu não consigo respirar” é a tradução do título acima. Essa frase foi dita repetidas vezes por um cidadão afro-americano chamado George Perry Floyd Jr., assassinado por estrangulamento por um policial branco que o abordou durante um suposto uso de cédulas falsas em um supermercado. Esse caso aconteceu no contexto de pandemia do coronavírus – Covid-19.

Muitas foram as manifestações que ocorreram nos Estados Unidos e que reverberaram em outros países, como no Brasil. O movimento internacional *Black Lives Matter* mobilizou milhares de pessoas em atos contra a violência policial dirigida aos

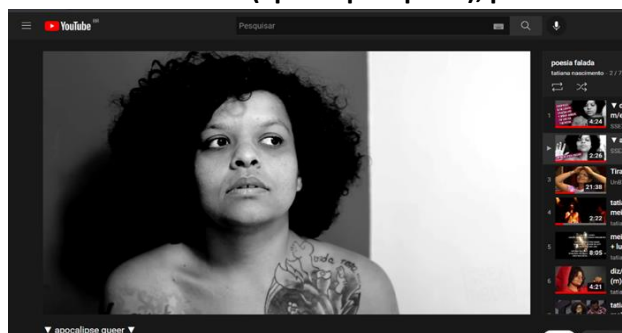
² Tradução: Eu não consigo respirar

³ Link de acesso: <https://palavrapreta.wordpress.com/2020/05/29/i-cant-breath/>



negros e negras. Na escrita, a autora aborda o sonho de paz que os brancos não permitem aos povos negros.

Figura 2 -Vídeo do YouTube (apocalipse queer), publicado em 2017.



Fonte:

<https://www.youtube.com/watch?v=KAcdmfd7psM&list=PLI4GnqPdfGfEzje5gLgJtSZvVlKrJ7LX9&index=3>

Apocalipse Queer ou Cuíer A.P. (ou oriki de Shiva)

nós vamos destruir tudo que você ama
e tudo que c chama “amor”
nós vamos destruir
porque c chama “amor à pátria”
o que é racismo
c chama “amor a deus”
o que é fundamentalismo
c chama “amor pela família”
o que é sexismo homofóbico y
c chama transfobia de “amor à natureza”
c chama de “amor pela segurança”
o que é militarismo
y o capitalismo
c chama de “amor pelo trabalho”
o que c chama de “amor à humanidade”
é especismo, y esse seu “amor pela Palavra”
na real é só um caso histórico de má-
tradução — que
conveniente, chamar deus de “ele”, mas se
liga: nós somos seu apocalipse

cuíer. y o que c chama de
“amor pela liberdade”,
“pela justiça”, toda
essa sua ideia de “civilização” é
assassinato, é genocídio,
quer matar tudo
que ri, que goza, que dança,
quer matar a gente.
mas a gente vinga
que nem semente daninha:
a gente sobre
vive!
tá vendo? já começou!
sente a pulsação vibrando
o chão: é o beat do nosso coração!
porque a gente, que você amaldiçoa
em nome do seu amor doentio
normativo,
segregador,
a gente que é amante,
a gente é que vive y espalha
amor.

“Apocalipse queer” defende e aclama as formas de amor que não a heterossexual (heterocissexualização). Tatiana utiliza termos como racismo, fundamentalismo, sexismo, transfobia, militarismo, capitalismo e religiosidade como aspectos que fundamentam e fortalecem as violências de gênero, sexualidade e raça.



Apocalipse é um livro da bíblia cristã, o qual traz revelações sobre os fatos que culminarão no fim do mundo. Aqui pode ser entendido como uma grande revelação que tem como objetivo destruir aquilo que foi perpetuado pelo colonialismo e seus pilares ocidentais morais que justificam o preconceito e as violações sobre formas de amar fora do padrão.

torto (4 de setembro de 2014)⁴

falou que eu não parecia lésbica **de verdade** devido a quadril
achou que eu não era negra **mesmo** por causa de pele clara
disse que eu não devia sair por aí dizendo que sou gorda já que
tenho **até** cintura
quem disse que espelho são os outros,
quemquemquem?
espelho torto, bobajada
me mirei no da Oxum (que foi amante da Oyá),
por vaidade nada:
re/conhecimento

Na escrevivência “torto”, é perceptível a existência de estereótipos que perpassam as mulheres negras. O quadril largo que remete a sexualização do seu corpo, a tonalidade da pele considerada mais clara e fundamentada no mito da democracia racial e da mistura das raças, ainda o corpo gordo que deve seguir um “padrão” e, por fim, o reconhecimento de uma identidade negra e lésbica com base na religiosidade de matriz africana e devoção a Oxum.

fundura (27 de setembro de 2013)⁵

tem gente sendo roubada no oceano da
minha memória
do oceano da minha memória tem gente
sendo roubada
a tinta lavada da minha pele fala que aqui
tem uma história
guardada no fundo do mar
(de) que tem gente sendo roubada
tem gente sendo roubada no oceano da
minha memória

amarrada que nem “animais”
tem gente sendo roubada do oceano da
minha memória
um oceano fundo
de cor escura funda
um caminho longe fundo pro outro lado do
mundo
tem gente sendo roubada no oceano da
minha memória
gente *preta* sendo roubada

⁴ Link de acesso: <https://palavrapreta.wordpress.com/?s=torto>

⁵ Link de acesso: <https://palavrapreta.wordpress.com/2013/09/27/fundura/>



sequestrada, escravizada	indizíveis falando das ondas do mar
estuprada, y negada	naquelas preces-sussurros infinitas de
de seus nomes ancestrais	enquanto elas lambem a areia clara da
eu nem me lembro mais o nome da vó da	praia com reverências-murmúrios,
minha vó	velando,
y o nome da mãe da vó de minha vó?	velando
que eram pretas retintas	velando
que nem o fundo do oceano que enterrou	velando
minhas memórias emergidas em palavras	

“fundura”, que é o título dessa escrevivência, remete à profundidade do oceano que pode ser relacionada aos milhares de corpos negros que foram arremessados ao mar no tráfico negreiro. “Os cadáveres eram então atirados por sobre as ondas, sem qualquer cerimônia, às vezes sem ao menos a proteção de um lençol, para serem imediatamente devorados por tubarões e outros predadores marinhos” (GOMES, p 49, 2019). O título também se refere ao extravio de laços familiares que aconteceram de variadas formas, como: a separação das famílias após chegar “na terra prometida” e a substituição dos nomes originais por nomes brasileiros, mortes, estupros e abandonos.

São perceptíveis os diversos aspectos que atingem o povo negro que foram analisadas nas escrevivências apresentadas neste artigo. Esses são fatos que fazem parte da construção social, cultural, econômica, política, identitária e afetiva da sociedade, e notadamente da comunidade negra. Ressalta-se que as produções são contemporâneas. Isso nos remete ao histórico de violências e resistências que constituem a população negra e suas lembranças.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, foi possível refletir sobre a importância de mulheres negras presentes na internet, como uma prática de resistência. O estudo foi feito com base na poética de Tatiana Nascimento em escritos no *blog* “Palavra, Preta! Poesia di dendê”, do *Instagram* e também do *Youtube*.

As produções contemporâneas apresentadas neste trabalho constituem um campo plural que emergiu de vozes subalternizadas historicamente pelo poder colonial. Nesta perspectiva, a poética de Tatiana Nascimento, com base no olhar da Ciência da



Informação, sustenta-se pelo cenário da memória e o resgate da sua história, operacionalizada pela escrevivência, que é uma expressão de decoloniade, desconstruindo as epistemologias construídas por estruturas coloniais de poder.

Os relatos de Tatiana nos fazem pensar sobre táticas de vida e de resistência de mulheres negras. A utilização e a apropriação da internet por essas mulheres têm contribuído na transmissão da escrita, da oralidade, do corpo, da estética e da memória. Sites, YouTube e Instagram possuem um nível de alcance grande e, com isso, têm contribuído na disseminação de informações e conhecimentos produzidos por mulheres negras.

Por fim, a literatura da Tatiana Nascimento compreende aspectos da memória, da lesbiandade negra, da ancestralidade e da decolonialidade. Dessa forma, contribui-se para que outras mulheres negras acessem sua escrevivência e possam assim criar laços de apoio mútuo e compromisso político.

REFERÊNCIAS:

APOCALIPSE QUEER. **Produção de Pri Bertucci**. São Paulo: SSEXBBBOX, 2016. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=KAcdfmd7psM&list=PLI4GnqPdfGfEzie5gLgJtSZvVlKrJ7LX9&index=3>. Acesso em: 26 mai. 2022.

ARAÚJO, Eliany Alvarenga. A construção social da informação: dinâmicas e contextos. DataGamaZero - **Revista de Ciência da Informação**. v. 2, n. 5, out. 2001. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000001246/d11daa9de3ea05fb4652e9cde6bef943/> Acesso em: 3 jul. 2021.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**. n. 11, 2013. Disponível em:

<<https://doi.org/10.1590/S010333522013000200004>>. Acesso em: 22 mai. 2022.

BUCKLAND, Michael K. Information as thing. **Journal of the American Society of information Science**, v 42, n.5, p.351-360. 1991. Disponível em:

<http://people.ischool.berkeley.edu/~buckland/thing.html> Acesso em 24/01/2018
Acesso em: 3 jul. 2021.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CORRÊA, Maurício; ROZADOS, Helen Beatriz Frota. A netnografia como método de pesquisa em Ciência da Informação. **Encontros Bibli: revista eletrônica de**



biblioteconomia e ciência da informação, v. 22, n. 49, p. 1-18, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2017v22n49p1/34047>. Acesso em: 3 maio. 2022

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FERREIRA, Amanda Crispim. **Escrevivências, as lembranças afrofemininas como um lugar da memória afro-brasileira**: Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Geni Guimarães. Dissertação (mestrado em Letras), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

FERRO, Ana Paula Rodrigues. A netnografia como metodologia de pesquisa: um recurso possível. **Educação, gestão e sociedade: revista da Faculdade Eça de Queirós**. Ano 5, n. 19, agos., 2015. Disponível em: <http://uniesp.edu.br/sites/biblioteca/revistas/20170509161801.pdf>. Acesso em: 18 agosto. 2022.

FREIRE, Gustavo Henrique Araújo. **Comunicação da informação em redes virtuais de aprendizagem**. 2004. 175 p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Rio de Janeiro, Convenio CNPq/IBICT – UFRJ/ECO, 2004. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/handle/123456789/674>. Acesso em: 21 maio. 2022.

GOMES, Laurentino. **Escravidão**: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo Afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. In: RIOS, Flavia. LIMA, Márcia. (orgs). Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, Bell. **E eu não sou uma mulher?**: mulheres negras e feminismo. 9ª edição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro, Cobogó, 2019.

LITERAFRO: O portal da literatura afro-brasileira. **Tatiana Nascimento**. Disponível em: < <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/1193-tatiana-nascimento> >. Acesso em: 21 mai. 2022.

LORDE, André. **Irmã outsider**: ensaios e conferências. Belo Horizonte, Autêntica, 2019.

MIGNOLO, Walter D. El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura. Un manifiesto. In: CASTRO-GOMÉZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón. **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos e Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 25-46.



NASCIMENTO, Denise Morado; MARTELETO, Regina Maria. A “Informação Construída” nos meandros dos conceitos da Teoria Social de Pierre Bordieu. **DataGamaZero: Revista de Ciência da Informação**. v. 5, n. 5, out., 2004. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/5679>.

NASCIMENTO, Tatiana. **Criar sem amor é colonizar**. 2022. 1 imagem. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CYy2bQlrOir/>. Acesso em: 26 mai. 2022.

NASCIMENTO, Tatiana. **Da palavra queerlombo ao cuíerlombo da palavra**: poesia preta lgbtqi de denúncia da dor até direito ao devaneio. Palavra, preta! poesia di dendê, 2018. Disponível em: <https://docs.google.com/document/d/1EKbiPGBjOGBCXy0MhkWQfS9XT21-AIKv/edit>. Acesso em: 20 mai. 2022.

OLIVEIRA, Henry Poncio Cruz de. **Afrodescendência, memória e tecnologia: uma aplicação do conceito de informação étnico-racial ao projeto “A Cor da Cultura”**. 2010. 139 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista estudos históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2019.

SANTANA, Bianca. **A escrita de si de mulheres negras**: memória e resistência ao racismo. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, 2020.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.